



7 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 18 de junho de 2024

Bolsas Na segunda-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na segunda-feira	Salário mínimo R\$ 1.412	Euro Comercial, venda na segunda-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,44% São Paulo	119.936 12/6	R\$ 5,421 (+ 0,73%)	Últimos 11/junho 5,361 12/junho 5,406 13/junho 5,368 14/julho 5,381	R\$ 5,819	11,99%	10,42%	Janeiro/2024 0,42 Fevereiro/2024 0,83 Março/2024 0,16 Abril/2024 0,38 Maio/2024 0,46

POLÍTICA FISCAL

Planalto dá sinal verde para corte de despesas

Pressionado para reduzir gastos da União, Lula pede à equipe econômica que estude a redução de subsídios no Orçamento de 2025. Segundo o TCU, só neste ano, foram criadas 32 desonerações tributárias, com impacto de quase R\$ 70 bilhões

» INGRID SOARES
» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva pediu, ontem, à equipe econômica que apresente alternativas para diminuir as renúncias fiscais do governo. Ele participou, ontem, de reunião da Junta de Execução do Orçamento (JEO), no Palácio do Planalto, e recebeu um conjunto de dados sobre a situação econômica do país. De acordo com ministros que participaram do encontro, o presidente ficou “mal impressionado” com o aumento dos subsídios, mas celebrou a redução na carga tributária.

O encontro ocorreu em meio a uma série de cobranças do mercado e de setores econômicos ao governo. Uma das demandas é que a gestão deixe de apostar apenas no aumento da arrecadação e passe a considerar, também, o corte de gastos. Entretanto, Lula reiterou que não considera programas de áreas estratégicas, como saúde e educação, como gastos. Após o encontro, a equipe econômica sinalizou que deve propor cortes de benefícios fiscais no Orçamento de 2025 como forma de equilibrar as contas. A reunião da JEO foi o primeiro passo para compor o projeto orçamentário do governo para o ano que vem.

“No plano da receita, há uma preocupação muito grande com as renúncias fiscais, que continuam no patamar de R\$ 519 bilhões. Isso em 2023”, comentou o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, após a reunião. Ele e a ministra do Planejamento e Orçamento,

Diogo Zacarias/Ministério da Fazenda



Haddad e Tebet comentam a preocupação de Lula com o tamanho das renúncias fiscais: “Presidente ficou muito mal impressionado”

Simone Tebet, deram uma breve declaração à imprensa após a reunião com Lula. Também participaram do encontro o chefe da Casa Civil, Rui Costa, e a ministra da Gestão e Inovação em Serviços Públicos, Esther Dweck.

Segundo Tebet, grande parte do encontro tratou do relatório divulgado na semana passada pelo Tribunal de Contas da União (TCU), que aprovou com

ressalvas as contas do primeiro ano de governo. “O aumento dos gastos da Presidência está relacionado também ao aumento da renúncia dos gastos tributários. Por exemplo, a discussão, neste ano, da desoneração da folha dos municípios. Isso impacta no déficit da Presidência”, comentou a ministra.

“Esses números foram apresentados ao presidente, e ele ficou extremamente

impressionado, mal impressionado, com o aumento dos subsídios, que está batendo quase 6% do PIB do Brasil”, acrescentou Tebet. O relator das contas no TCU, ministro Vital do Rêgo, deu destaque ao tema, demonstrando que, somente em 2023, foram criadas 32 desonerações tributárias com impacto de R\$ 68 bilhões sobre a arrecadação.

Tebet relatou que Lula pediu aos

ministros que apresentem formas de reduzir os benefícios fiscais, pauta que já foi encampada por Haddad à frente da Fazenda. Ela destacou que propostas serão apresentadas na próxima reunião da JEO. O encontro anterior ocorreu em abril.

O governo vem sofrendo críticas sobre as contas públicas, pois tenta equilibrar o Orçamento com o aumento da arrecadação, e não com corte de despesas. Na semana passada, falas do presidente Lula sobre o tema causaram reações contrárias no mercado, como a disparada do dólar na última quarta-feira, após discurso sobre aumento de arrecadação em fórum de investidores sauditas, no Rio de Janeiro.

Tributação

O governo também recebeu críticas após a Fazenda apresentar uma medida provisória (MP) para compensar a desoneração da folha de pagamentos, limitando os créditos de PIS/Cofins a empresas de grande porte, interpretada pelo mercado como um aumento disfarçado de impostos. Ao falar com jornalistas, Haddad rebateu os críticos citando o próprio Lula. “A carga tributária no país caiu mais de 0,6% do PIB (Produto Interno Bruto), o que foi considerado pelo presidente como bastante significativo à luz das reclamações que o próprio presidente nem sempre compreende de setores isolados que foram instados a recompor essa carga tributária que foi perdida”, comentou o ministro.

Desconfiança e pessimismo no mercado

» ROSANA HESSEL
» RAPHAEL PATI

Na véspera da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) reuniu os ministros Fernando Haddad (Fazenda) e Simone Tebet (Planejamento e Orçamento) para tentar dar sinais de que estuda cortar despesas para recuperar a credibilidade junto aos maiores credores da dívida pública: o mercado financeiro. A entrevista dos ministros, após a reunião, contudo, não tranquilizou os operadores. A Bolsa de Valores de São Paulo (B3) continuou operando no vermelho, e o dólar voltou a subir, refletindo as incertezas tanto no cenário doméstico quanto no ambiente externo.

A Bolsa paulista encerrou o pregão de ontem com recuo de 0,44%, a 119.138 pontos. No ano, o Índice Bovespa (Ibovespa), principal indicador da B3, acumula queda de 11,21%. Enquanto isso, a moeda norte-americana registrou nova alta e encerrou o dia em R\$ 5,422 (alta de 0,75%).

“Vemos que o mercado financeiro brasileiro se descola do resto do mundo, com problemas internos espantando os investidores”, destacou Gustavo Cruz, estrategista-chefe da RB Investimentos. “O mercado entende que existe uma grande harmonia entre o presidente Lula e Haddad. Isso desde sempre. Com a ministra Simone Tebet, tem sido uma grande surpresa positiva, e, no entanto, vimos o presidente Lula criticando o Banco Central novamente. Imagino que, nesta semana, as críticas serão

intensas”, previu Cruz.

De acordo com analistas, há um consenso no mercado de que, nos dois dias da reunião do Copom, o Banco Central vai antecipar o fim do ciclo de queda da taxa Selic, iniciado em agosto do ano passado e, atualmente, em 10,50% ao ano. As apostas são de manutenção dos juros básicos nesse patamar. “Há pouca dúvida sobre a unanimidade dos votos dos diretores do Copom. Esperamos consenso e sinal de compromisso com a meta e a primazia da ancoragem como referência para a política monetária”, destacou José Francisco de Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Fator. Segundo ele, a desancoragem das expectativas de inflação e os dados de atividade econômica “confirmam a leitura do Copom sobre a resistência da economia aos juros

ainda altos”. Além disso, ele lembrou que os ruídos políticos da semana em torno da MP do equilíbrio fiscal e das dificuldades do governo no Congresso ajudaram a puxar o dólar de R\$ 5,25 para mais R\$ 5,40, e os juros futuros.

Conforme o boletim *Focus*, divulgado ontem pelo Banco Central, a mediana das expectativas para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) subiu de 3,90%, na semana passada, para 3,96%, nesta semana — a sexta alta consecutiva. A mediana para a inflação oficial de 2025 registrou a sétima elevação seguida, para 3,80%. Além disso, o mercado elevou de 10,25% para 10,50% as apostas para a taxa Selic no fim deste ano, e de 9,25% para 9,50%, no fim de 2025.

O economista da Bluematrix Asset Renan Silva reforçou que o relatório *Focus* confirma tendência de deterioração das projeções da Selic desde o início do ano. Na avaliação dele, o aumento da relação dívida-PIB, que deve atingir 80%

ainda neste ano, conforme projeções da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), é um dos fatores que ajudam a explicar o provável encerramento do ciclo de corte da taxa básica de juros nesta semana. “Essa conjunção de fatores e a mudança da meta fiscal são suficientes para que os agentes de mercado que compõem a pesquisa Focus mostrem mais pessimismo em torno da taxa terminal da Selic”, disse.

Rafael Cardoso, economista-chefe do Departamento de Pesquisa Econômica do Banco Daycoval, acredita que “esses riscos estão se materializando de forma mais clara nas expectativas de inflação, até mesmo para o ano de 2026, um pouco fora do horizonte de política monetária atual, mas que denota uma desconfiança do mercado e dos economistas que fornecem essas projeções em torno da capacidade de o BC entregar meta lá na frente”.

NÃO É QUALQUER BANCO. É O BANCO DO NORDESTE.

O banco que leva desenvolvimento para toda a região. Que contribui com a geração de renda e de milhões de empregos. Que, no ano passado, transformou a vida de mais de 2,5 milhões de clientes com microcrédito produtivo e orientado e investiu mais de R\$ 58 bilhões em toda a sua área de atuação. Isso é bom pra todo mundo. Eleito o Banco de Desenvolvimento do Ano da América Latina em 2023. Não é qualquer banco. É o Banco do Nordeste.

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO